

EDITORIAL

O segundo número da INTERthesis deste ano abre com o Dossiê intitulado **Gênero, tecnologias e ciências**, organizado por Luciana Rosar Fornazari Klanovicz. Segundo a organizadora, quando pensamos em aproximar Gênero, Ciências e Tecnologias, formamos um trinômio multifacetado, com sentidos e questões que atingem diversas arenas, da política à academia. Nas últimas décadas tem-se observado um maior interesse por parte de pesquisadoras e pesquisadores por essa temática, interdisciplinar, multidisciplinar, tendo o gênero como categoria transversal. Em 2010, ocorreu no Brasil uma primeira tentativa de constituição de um grupo que contemplasse em seus estudos tais questões; o grupo AfeCT-GEN procurou estabelecer uma rede que rapidamente congregou mais de 30 pessoas, entre pesquisadoras e estudantes de pós-graduação. Tal rede está suspensa temporariamente por motivos técnicos. No entanto, ela já acena para um amadurecimento dos estudos sobre a ciência em articulação com estudos de gênero. No âmbito internacional deve-se destacar a importância do Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, evento que ocorre de dois em dois anos, ora na América Latina, ora na Espanha, que tem reunido as principais autoridades ibero-americanas no assunto, além de novos pesquisadoras e pesquisadores.

Ao olhar atentamente para esse cenário, pode-se perceber que a articulação é significativa e este dossiê pretende ampliar os espaços de divulgação e de debate para além dos grupos, das revistas especializadas e congressos. Dessa forma, os artigos aqui publicados mostram a amplitude de alcance do tema em diferentes países como México, Argentina, Espanha e Brasil, em textos interessantes e instigantes.

O primeiro texto do Dossiê, de Silvia García Dauder, professora do departamento de Psicologia da Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha,

intitulado **Las fronteras del sexo en el deporte: tecnologías, cuerpos sexuados y diferencias**, discute a produção de corpos e suas diferenças no âmbito dos esportes, por meio da articulação de tecnologias biomédicas e de comunicação.

O segundo é escrito por Marília Gomes de Carvalho e Lindamir Salette Casagrande, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil. **Em mulheres e ciência: desafios e conquistas**, as autoras discutem alguns desafios e conquistas históricas no que diz respeito à produção de conhecimentos científicos por mulheres. Além disso, questionam a participação de mulheres na ciência em relação à possibilidade de mudanças nos paradigmas científicos.

Anabelle Carrilho da Costa e Sílvia Cristina Yannoulas, da Universidade de Brasília, assinam o artigo **Construindo Novos Túneis: subterfúgios das engenharias para deslocar as fronteiras da divisão sexual da ciência e da tecnologia**. Partindo da hipótese de que as escolhas de engenheiras no mundo acadêmico e profissional são dificultadas pela forte tendência à perpetuação da divisão sexual da educação superior, da ciência e do trabalho, as autoras buscam desvendar os argumentos que levam à naturalização da separação entre cursos de homens e cursos de mulheres, áreas de trabalho femininas e masculinas, ainda que dentro da mesma área do saber ou do campo profissional.

Silvia Domínguez Gutiérrez (Universidad de Guadalajara, México), em **La imagen de la mujer en el ámbito científico** discute as possíveis razões que fazem com que as mulheres não se imaginem como cientistas, com base em pesquisa com estudantes de graduação de Ciências da Saúde (Enfermagem, Psicologia, Nutrição, Odontologia, Medicina, e Cultura Física e Esportes) da Universidad de Guadalajara.

O último artigo do dossiê é escrito por Susana García, do Museo de la Plata, (Universidad Nacional de La Plata, Argentina). Em **Mujeres, Ciencias Naturales y Empleo Acadêmico en la Argentina (1900-1940)**, a autora examina a inserção feminina no mercado de trabalho acadêmico na Argentina, apresentando o caso do Museo de la Plata, incorporado à Universidad Nacional de La Plata. Susana García apresenta os debates em torno do trabalho feminino, da emergência do movimento feminista argentino do início do século XIX, e das primeiras egressas universitárias em várias carreiras acadêmicas.

Espera-se que tais artigos possibilitem diferentes olhares para os estudos de gênero e situem a articulação com a ciência como uma possibilidade interessante e dinâmica para novas pesquisas.

Na sequência, a INTERthesis abre outros canais para a divulgação do conhecimento. Este novo canal apresenta, inicialmente, o texto de uma conferência realizada no XXVI Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional de História que comemorou seus 50 anos de existência. A conferência de Suely Gomes Costa, **Diga-me o que significa gênero?** baseia-se no texto de Marie-Victoire Louis, pesquisadora do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS) francês, partindo dele para questionar o significado de gênero e refletir sobre as razões de negação desse conceito.

Ainda nesta nova perspectiva, apresenta-se a entrevista realizada por Alessandro Zir com a intelectual portuguesa Maria Estela Guedes. Sob o título **Maria Estela Guedes e os híbridos da investigação**, a entrevistada fala do seu trabalho como escritora, do seu livro mais recente sobre Helberto Helder, lançado no Brasil, e das investigações interdisciplinares desenvolvidas por ela com outros pesquisadores no Museu Nacional de História Natural (Lisboa).

A seguir, a Seção Artigos deste número publica dez contribuições que contemplam três campos de investigação acadêmica, a saber: Estudos de Gênero, Condição Humana na Modernidade, Sociedade e Meio Ambiente.

Iniciando com os artigos da área de Gênero, e que reforçam os textos publicados no Dossiê desse número, Maria Fátima Scaffo e Francisco Ramos Farias analisam em **A transmissão dos protocolos de gênero como dispositivo de submissão feminina à violência conjugal** a maneira pela qual a mulher, historicamente, responde, no cenário familiar, à violência conjugal. Para isso, os autores adotam como objeto de estudo e análise a modalidade típica de violência impetrada contra a mulher no contexto das engrenagens que configuram o encontro entre o homem e a mulher.

Em seguida, Nilton Manoel Lacerda Adão, Valmir Luiz Stropasolas e Maria José Hötzel tratam, no artigo **Movimento de mulheres camponesas e a semeadura de novas perspectivas: os significados da (re)produção de sementes crioulas para as mulheres no oeste catarinense**, das razões que motivam as mulheres organizadas no Movimento das Mulheres Camponesas a buscarem o cultivo de sementes crioulas visando à produção de alimentos.

No artigo **Michèle Roberts's heroines and the act of writing consciously** (As heroínas de Michele Roberts e ação de escrever conscientemente), María Soraya García-Sánchez descreve a evolução da ficção contemporânea da escritora

anglo-francesa Michèle Roberts, comparando seus romances a um de seus livros mais recentes.

Na área da Condição Humana na Modernidade discutem-se vertentes da arte, psicanálise, psicologia, medicina e história. Iniciamos com **Estética e psicanálise: por uma crítica da modernidade** de Cristina Aparecida Tannure Cavalcanti e Maria Cristina Candal Poli, que se propõem a percorrer alguns fundamentos do estudo da *estética*, desenvolvida no cerne da modernidade como disciplina acadêmica e como base teórica da crítica da arte.

A seguir, Daniele de Andrade Ferrazza e Luiz Carlos da Rocha, em **A psicopatologização da infância no contemporâneo: um estudo sobre a expansão do diagnóstico de “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”**, abordam desde a expansão da rotulação psiquiátrica até às problemáticas relacionadas à infância capturadas pelos discursos e práticas do saber médico-psiquiátrico e transformadas em psicopatologias, que tendem a ser tratadas com o principal recurso disponibilizado pela psiquiatria na contemporaneidade.

O artigo de José D'Assunção Barros, **História e saberes psi – considerações interdisciplinares**, busca examinar a relação interdisciplinar entre a História e os saberes Psi, fazendo um paralelo entre a História das Mentalidades, a História do Imaginário e outras modalidades historiográficas que interagem com a Psicologia.

Por fim, temos artigos que se enquadram na área de Sociedade e Meio Ambiente. Em **Uma floresta de vestígios: metabolismo social e a atividade de carvoeiros nos séculos XIX e XX no Rio de Janeiro, RJ**, Rogério Ribeiro de Oliveira, Joana Stingel Fraga e Dean Eric Berck, apresentam pesquisa e levantamento realizado no Maciço da Pedra Branca, na zona oeste do Rio de Janeiro, em que, apesar de ser revestido por florestas, são encontrados vestígios de alicerces de casas e de antigas carvoarias no seu interior, além das mudanças da estrutura e funcionamento do ecossistema. Dessa maneira, discute-se o processo de metabolismo social que interliga, na paisagem, a floresta à cidade.

No oitavo artigo deste número, Paulo Pereira Martins Júnior, Vitor Vieira Vasconcelos em **A teleologia e a aleatoriedade no estudo das ciências da natureza: Sistemas, Ontologia e Evolução**, incursionam na problemática teleológica, que nunca esteve ausente na história do pensamento humano, e com

especial enfoque no intercuro relacionado ao desenvolvimento das teorias científicas referentes ao estudo da Natureza.

A seguir, **Risco, sociedade e ambiente: o caso da produção ecológica cooperativa e a gestão global da biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais**, Guilherme Francisco Waterloo Radomsky e Ondina Fachel Leal examinam o tema do risco a partir de uma análise sobre a biodiversidade e os conhecimentos tradicionais no caso de agricultores ecológicos vinculados à Ecovida – rede de agroecologia composta por agricultores, consumidores e mediadores sociais no sul do Brasil. O objetivo consiste em mostrar que a biodiversidade na agricultura e os conhecimentos relacionados a cultivos sofrem problemas identificados com uma dupla “erosão”: a diminuição e a susceptibilidade das variedades agrícolas disponíveis para serem cultivadas e o afunilamento dos saberes.

Finalizando a seção, com o artigo **Cidade Limpa: estudo sobre a presença e a poluição visual gerada pela mídia exterior em Cuiabá-MT**, Paula Apolinário Zagui e Marco Escobar analisam e discutem a atividade de mídia exterior na cidade de Cuiabá-MT, com a apropriação dos espaços públicos, do uso sem regras dos espaços privados visíveis ao público e seus efeitos na paisagem urbana da capital; ao mesmo tempo, analisam a nova lei que regulamenta a mídia exterior e as principais diferenças com relação à antiga lei, que também visava a coibir a poluição visual.

Este número traz, por fim, a seção de Resenhas com a apresentação de três livros: Wagner Xavier Camargo resenha **Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades** de Jorge Dorfman Knijnik (Org.), Dora Fonseca apresenta a recente obra portuguesa de Elísio Estanque e Hermes Costa (Orgs.), **O Sindicalismo Português e a Nova Questão Social: Crise ou Renovação?**, e, por fim, Livia Lopes Neves fala de **Dar a alma: história de um infanticídio**, de Adriano Proserpi.

Esperamos ter contribuído mais uma vez para o debate de vários temas e objetos de estudo, fazendo-o sempre de maneira supradisciplinar. Boa leitura! .

Selvino J. Assmann e Silmara Cimbalista

Editores